

O Povo de Aveiro

Suplemento litterario

Director: Homem Christo

Redactor litterario: Homem Christo, Filho

Numero 5 — Anno I

ASSIGNATURA ANNUAL 300 REIS
AVULSO 10

Aveiro, 4 de setembro de 1910

Distribuido gratuitamente aos assignantes do POVO DE AVEIRO

Summario

Problemas	Homem Christo
Portugal e Brazil	J. Costa de Cabêdo
O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal	Homem Christo
Cartas de Longe	Homem Christo, Filho
Alcoolismo	Homem Christo
Vária	X.
Os castigos corporaes	Homem Christo

Problemas

La Dépêche, de Toulouse, um dos mais importantes jornaes francezes, publicava, em 22 de agosto, sob o titulo *Pour apprendre à lire*, um longo telegramma de Paris, que começava por estas palavras:

La question des illettrés dans l'armée préoccupe très vivement le ministre de la guerre et son collaborateur immédiat M. Albert Sarraun. Le sous-secrétaire d'Etat étudie, nous dit-on, un projet que consisterait à rendre plus efficaces les cours qu'on fait aux conscrits qui méritent, si l'on peut dire, de porter un bonnet d'âne sous leur képi.

Ce projet est des plus simples. En ses grandes lignes, il s'agit de trouver, entre les exercices, un peu plus de temps pour les cours et d'appliquer pour l'enseignement de la lecture certaine méthode russo-allemande, dont le mécanisme ingénieux permet aux élèves des progrès très rapides.

Les méthodes pour apprendre à lire rapidement ne sont pas rares, tant s'en faut; il n'y a pas très longtemps, il nous en vint une, encore de Belgique. Mais beaucoup de personnes savent-elles qu'au témoignage d'Emile Augier—et l'auteur du «Fils de Giboyer» n'était pas précisément un emballé—nous en possédons une qui est proprement miraculeuse!

O telegramma continua por expôr e desenvolver o tal methodo *miraculoso*, a que chama *la statilégie*, e que existe em França, diz, ha perto de cem annos. Deixando isso, o que ficámos sabendo é que o ministro da guerra e o sub-secretario d'Estado Albert Sarraun se preocupam vivamente com a questão dos analfabetos no exercito e que não acham melhor meio de a resolver que tornar *mais efficazes* as escolas de ensino elementar por companhias. Eis-nos, pois, cahidos no processo que o auctor d'estas linhas com tanta energia, com tanta tenacidade e com tanto ardor advogou.

Não ha outro. Dissemo-lo cem vezes, e hoje repetimos: não ha outro. Ou o capitão toma a peito fazer ministrar aos seus soldados o ensino das primeiras letras, ou a questão fica eternamente insolúvel no exercito.

Como é muito raro, extraordinariamente raro, apparecer n'esta terra, e aliás em toda a parte, uma pessoa que se sacrifique sinceramente pelo bem publico, as nossas intenções, como sempre, foram calumniadas, quando abrimos essa campanha do ensino elementar por companhias. Uns diziam que nos queriamos tornar saliente, outros que queriamos obter jus a recompensas, outros que queriamos fazer propaganda republicana no exercito, e muitos outros que eramos um nephelibata ou um doido. Pois dizemos hoje o que diziamos então. Hoje, que já não podemos ser suspeito de pretender recompensas, nem de querer fazer propaganda republicana no exercito.

Os mandriões, os rotineiros, os invejosos e os velhacos teem sempre uma maneira, velha maneira, de lançar o descredito sobre os innovadores e as innovações. E' chamar doido ao innovador e loucura á innovação.

No exercito portuguez já tinha havido quem ministrasse, independente das escolas regimentaes, ensino litterario aos soldados. Mas sempre de um modo empirico, por entretenimento, por distracção, por sympathia moral ou intellectual, como a patroa quando ensina a creada, ou o official o seu impedido, o que, se não é vulgar, tem succedido algumas vezes. Tudo isso eram iniciativas restrictas, apprehendimentos ephemeros, que não duravam mais que um anno ou dois, meras brincadeiras, por assim dizer, sem o menor alcance militar ou social. Como não fariam a rotina, nenhum d'esses poucos officiaes, ao todo meia duzia d'elles, que tinham manifestado esse ligeiro prurido d'amor á instrucção, passou por doido. Mas vim eu e arvorei o estandarte, não já de uma theoria, mas d'um facto. Que nem theorias havia. Mas supponhamos. Eu systematisei. Eu generalisei. Eu fiz o que não tinha feito ninguem até esse momento: creei um principio e demonstrei o seu fundo sério e a sua possibilidade. Que mais era preciso para que me chamassem doido?

Eu não me limitei a ensinar um grupo de soldados para me entreter ou para me rir. Eu propuz, eu defendi a creação de uma nova instituição

dentro dos quartéis. Que mais era preciso, repito, para que envenenassam as minhas intenções?

E, no entanto, eu mostrava mais juizo que ninguem. Procedia com completa sinceridade, guiado pelo mais profundo patriotismo e civismo e com dedicação absoluta. Por isso mesmo, é com o maior prazer que vejo, hoje ainda que, torno-o a dizer, já não pode cahir sobre mim a suspeita de intuitos mesquinhos, agitar-se no exercito francez, ou em qualquer outro, esse grande problema.

Quando iniciei a minha campanha, sabia, pela leitura de um dos livros do principe de Hohenlohe, o que tinha succedido na Allemanha. Mas de todo em todo ignorava que na França ou na Italia existisse, ou houvesse existido, o ensino elementar por companhias. Só dois annos depois o sr. João de Menezes revelava um artigo da revista de Roma, *Italia Moderna*, por onde se via que já se tinha praticado, com grande resultado, o ensino litterario por companhias nos regimentos italianos, ao mesmo tempo que lendo tudo quanto encontrava, em revistas, jornaes e livros estrangeiros sobre o assumpto, eu percebia que no exercito francez havia *qualquer coisa de parecido*. Mas o quê, ao certo? Eram cursos ministrados, aqui e alem, voluntariamente, por um ou outro official de mais civismo? Eram as nossas *escolas regimentaes*?

Na propria Italia, tinham desaparecido, de todo, como parecia deprehender-se do artigo da *Italia Moderna*, os cursos elementares por companhias, creados n'um d'estes movimentos ephemeros de entusiasmo patriotico a que são tão sujeitos os povos latinos, fogachos que criam rapidamente lavareda para, com a mesma rapidez, se extinguirem.

Estas duvidas só as desfiz em 1906, visitando os quartéis francezes e os quartéis italianos e estudando o seu regimen interno. O principio do ensino elementar por companhias lá estava estabelecido. Entregue a um completo abandono, é certo. Mas isso, para mim, era o menos. O que eu queria era obter o *reconhecimento do principio*.

Estava o ensino abandonado? E' claro que não dava resultado. Mas não dava resultados em virtude d'esse abandono. Simplesmente.

Podia-se discutir o maior ou menor civismo dos officiaes italianos e francezes. Não faltava, lá como aqui, quem dissesse: *A missão do official é outra*. Mas todos estavam d'accordo em reconhecer que dada a insufficiencia do mestre escola ou do regimen da instrucção elementar no paiz, *aquelle era o unico meio de acabar com o analfabetismo no exercito*.

A questão estava limitada aos termos em que eu a tinha posto, sempre, em Portugal. *O official queria ou não queria*. Queria? Todas as difficuldades desapareciam. Não queria? Só havia uma difficuldade. Era essa: *não querer*.

Nem na Italia, nem em França, eu encontrei a allegação *sophistica* da falta de tempo, da falta de aptidão, os mil pretextos que se invocavam, e que para tudo quanto representa trabalho se invocam, invariavelmente, n'este paiz. Os officiaes declaravam lealmente: «Não ha duvida. Querendo o official, está tudo resolvido.»

E tanto, accrescentavam, que o successo é completo, sempre que apparece alguém a *querer*. E citavam-me epochas, como essa que Olivier Sangiacomo descreve no artigo da *Italia Moderna*, e casos isolados, de forte iniciativa individual, consequentemente de proveitoso resultado, n'este ou n'aquelle regimento. Quer em relação ao exercito italiano, quer em relação ao exercito francez.

O principio, a sua conveniencia, a sua utilidade, o seu exito, estava reconhecido. Como se vê ainda agora, pela transcripção que encabeça este artigo.

O projecto do sub-secretario d'Estado dos negocios da guerra consiste em tornar *mais efficazes* os cursos de recrutas. E para isto procura um *methodo* e tempo. O sub-secretario d'Estado e o ministro da guerra não appellam para o professor primario. Não dizem, desdenhosamente, como em Portugal: «O soldado ensina-se, quando creança, na escola. Se aprendeu, aprendeu. Se não aprendeu, adiante.» Não. Lá não se diz isso. O que lá se diz é isto: «Se não aprendeu, ensina-se.» E quem o ensina? E' o professor d'instrucção primaria? Não. E' o sargento e o official. Ou então não aprende nada.

Um outro caso, esse, que eu averigui em França. Eu tinha lido, no *Matin*, uns artigos de Jean d'Orsay a tratarem do ensino dos recrutas analfabetos na escola primaria mais proxima do quartel. Tambem se tentou isso. Mas, segundo me disseram officiaes e sargentos, *não deu nada*.

Foi, sobretudo, com os sargentos que eu conversei sobre esse caso, porque são elles quem ensina, nas companhias, os soldados. Foram unanimes em me declarar: «Isso não deu nada. Ou nós os podemos ensinar nas companhias, ou não. Se podemos, está o problema resolvido. Se não podemos, o mestre civil, com soldados, não dá nada.»

Não sabemos se o ministro da guerra francez vae agora recorrer ao professor primario para ensinar no regimento, se, ao contrario, aproveita para isto os sargentos e os officiaes. Mas parece ser este o expediente adoptado, desde que o telegramma de *La Dépêche* fala nos... *cours qu'on fait aux conscrits*.

Estes cursos, — vimo-los nós funcionar, — são dirigidos pelos sargentos das companhias, aproveitando-se para professores os *soldados e cabos habilitados*. Podiam dar um resultado esplendido, visto que, com o serviço militar obrigatório, não faltam soldados habilitados nos regimentos francezes, além de ser excellente a corporação dos sargentos e a dos cabos d'esquadra. Mas estavam inteiramente abandonados. A verdade é esta.

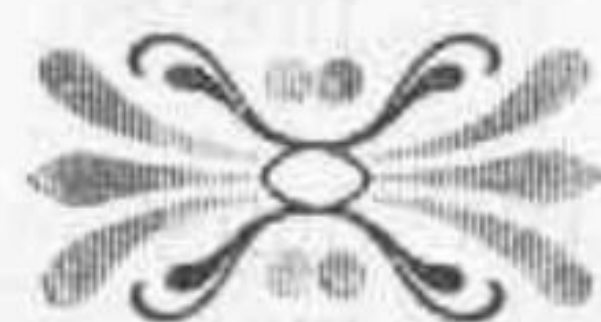
O que o ministro da guerra agora vai fazer, certamente, é estimular, de qualquer forma, os sargentos e os officiaes. E' regularisar, é levantar esses cursos do abatimento em que cahiram. Por certo que é isso. Mas, seja o que fór ou como fór, o que é positivo é que a França pensa muito a serio na maneira d'acabar com a chaga do analfabetismo no exercito.

E embora tenhamos de voltar no proximo *Supplemento* a este assumpto, não queremos hoje concluir sem perguntar:

Porque não vai o dr. João de Deus Ramos explicar á França o methodo de seu pae? Porque não aproveita esta occasião?

Ha seis annos que o ministerio da guerra francez procura, anciosamente, um methodo efficaz. Pelo telegramma do jornal de Toulouse, vê-se que o actual ministro da guerra não hesita em lançar mão d'um methodo estrangeiro, certo *methodo russo-allemao*. O correspondente de *La Dépêche* fala ainda n'um outro methodo, belga. Já Jean d'Orsay, nos artigos do *Matin*, tinha falado n'um methodo de uma tal mademoiselle Janicot, salvo seja. Mas chamava-se Janicot, se me não falha a memoria. Vê-se que é uma das grandes preocupações do ministerio da guerra, essa questão de methodo, e que todos os methodos lhe servem, nacionaes ou estrangeiros. Comtanto que lhe deem o resultado preciso. Porque não offerece e não explica João de Deus Ramos o methodo de seu pae?

Homem Christo.



Portugal e Brazil

Alguma coisa se tem dito e escripto, ultimamente, sobre o chamado accordo luso-brazileiro, projecto sahido da Sociedade de Geographia de Lisboa, por iniciativa do seu presidente, o professor Consiglieri Pedrosa, e para breve se prepara uma missão intellectual que ao Brazil vá levar palavras de concordia, para conquistar as boas graças dos nossos irmãos de além-mar, tão injustamente tratados, sempre, pelos intellectuaes portuguezes.

Este problema da approximação dos dois povos, que, falando a mesma lingua, possuindo litteraturas de fontes identicas, tendo, mais ou menos, os mesmos costumes, os mesmos defeitos e as mesmas qualidades, por tanto tempo viveram, e ainda, pôde dizer-se, vivem isolados um do outro, n'uma indifferença extranha, é dos mais interessantes para aquelles que se occupam um pouco da marcha do espirito humano e para os que, a dentro d'esta fronteira portugueza, mais ou menos sabem o que se passa nos outros paizes livres da Europa e n'esses florescentes paizes da livre America.

Ao intellectual portuguez se deve em grande parte, na maior parte, este divorcio da mentalidade dos dois povos.

Os nossos homens de letras desdenharam, escarnecerem sempre o brazileiro, confundindo-o, deploravelmente, com o labrêgo que, ido de Portugal para o Brazil, do Brazil para Portugal, trouxera um sacco de libras, um preto e um papagaio, com o analfabeto, que voltava capitalista e a quem a patria, precisando sempre de dinheiro e de votos, offerecia a commenda de Christo e, pelo menos, o titulo de barão.

Foram elles, sim, com os seus epigrammas, quasi sempre injustos, desconhecendo ou affectando desconhecer a vida social e o valor mental do povo portuguez d'além-mar, quem contribuiu para que, apagados os resentimentos da separação, se resentimentos houve, sequer, os dois povos teimassem em se não estimar, caprichassem, talvez mesmo, em se não conhecer.

Por uma parte o brazileiro, naturalmente, retrahia-se com toda a razão, e assim vivemos tantos e tantos annos, não dando os nossos litteratos mostras de conhecer o Brazil e chegando mesmo a rir-se quando o professor Sylvio Romero escreveu a historia da philosophia no Brazil.

O nosso Bruno consigna, em um admiravel livro, *O Brazil Mental*, o quanto vergonhosa é, para a nossa patria, na sua *élite* intellectual representada, essa teimosia em ignorar o que o Brazil mentalmente seja, o que socialmente, hoje, o Brazil represente.

Raros são os esforços em Portugal empregados para desbastar essa ignorancia profunda e, por muitos motivos, lamentavel das coisas e dos homens do Brazil, e esses mesmos raros esforços isolados cahiram no meio da indifferença e ahi se sumiram despercebidos.

Eça de Queiroz, prefaciando o romance de Luiz de Magalhães — *O Brazileiro Soares* — traça o quadro urdido pelo Romantismo, em que a figura do *brazileiro* destaca sempre pela sandice e pela boçalidade, e se é certo que a sua intenção era da mais absoluta honestidade litteraria, a verdade é que elle não conseguiu rehabilitar aos olhos do leitor portuguez, cujo gosto se pôde avaliar pela preferencia dada aos romances de folhetim e aos livrinhos de leitura só para homens, o chasqueado typo do brazileiro, chegando mesmo um critico a acoiar de fracasso a sua tentativa.

O grande Camillo, em horas de mau humor, causticára alguns brazileiros notaveis, como esse grande poeta que foi Fagundes Varella, e o *brazileiro* das suas novellas, que era o torna-viagem, generalizou-se, chegando a suppôr-se que, do outro lado do Atlantico, a gente trabalhadora que fundára a republica, fomentára a riqueza nacional e fizera do Rio de Janeiro uma das mais bellas cidades do mundo, não era mais do que uma reunião d'aquelles barões analfabetos, que davam dinheiro para as festas do Santissimo, intrigavam no Gremio e ajudavam a roubar as eleições.

Os nossos jornalistas, não conhecendo o Brazil, não ensinavam aos seus leitores uma palavra sobre a grande republica sul-americana, e quando a ella alludiam era entre duas ironias, com esse ar superior tão nosso e que, com a nossa ignorancia, resulta tristemente ridiculo.

Até as senhoras nas salas se riam do brazileiro, de quem algumas não desdenhavam, no entanto, utilisar as libras, para irem dar-se ao picante do amor adultero com os homens de melêna e olheira, que o Romantismo ainda legou á geração seguinte.

Era elle, o brutamonte, o selvagem, o sandeu, quem lá fóra ganhára em rudes trabalhos o dinheiro que a menina delambida havia de dispendir em toilettas, em vestidos caros, em chapéus espaventosos para, assim, melhor provocar a attenção da vadiagem conquistadora e mais ou menos apelintrada, era elle, sim, o triste, quem pagava os caros espartilhos provocantes, as meias de abertos, frescas e chics, as botinas elegantes e estonteadoras...

E, assim, através de gerações o *brazileiro*, o homem *di lá*, ficou sempre como um ridiculo, apresentado entre chalaças de mau gosto a um publico boçal e enfasiado.

No Brazil, no entanto, trabalhava-se; criaram-se universidades, levantaram-se cidades modernas que estão a par das melhores da Europa, desenvolveu-se uma litteratura rica

que tem produzido prosadores dos que bem escrevem a lingua portugueza, poetas que honram, verdadeiramente, uma raça. Do Brazil sahiram para a Europa homens de uma clara intelligencia que se pozeram em pouco tempo a par das mais importantes innovações da sciencia e das artes e que á terra-patria foram levar o conhecimento da vida dos chamados povos progressivos, insuflando na boa e generosa população brazileira o amor pelo modernismo.

O Brazil é, hoje, uma das grandes nações do mundo. Pela sua actividade mental, pelo valor, pela superioridade dos seus homens, pela sua riqueza, pelo seu extraordinario desenvolvimento material, e é imperdoavel que o povo que falla a mesma lingua e que tem como uma das suas tradições honrosas na Historia o haver desvendado a nova terra aos olhos do mundo, esteja ainda hoje no absoluto desconhecimento do que o Brazil intellectual e socialmente seja.

A ideia do accordo luso-brazileiro foi, pois, bem acolhida em Portugal e deve tê-lo sido no Brazil, visto como entre nós se vai reconhecendo a necessidade de estudar a vida da grande republica americana, e os brazileiros saberão ser generosos ao ponto de nos perdoar, de se esquecerem das nossas injustiças.

Os trabalhos até hoje realizados, porem, para levar a bom termo o accordo não correspondem ao valôr e ao alcance da proposta apresentada.

A primeira coisa a fazer, como trabalho preparatorio, seria dizer aos portuguezes o que é o Brazil: como o Brazil se criou, se levantou, como o Brazil, de simples colonia portugueza, se fez uma nação livre e como o Brazil, independente, modificou as suas instituições politicas, promoveu o seu enorme desenvolvimento interno e grangeou o crédito mundial de que justamente gosa.

Assim, criada uma commissão de estudos brazileiros, essa commissão, constituída por portuguezes, faria conferencias, promoveria cursos livres sobre o Brazil, explicaria a sua litteratura, dar-nos-hia a conhecer a sua arte, indicaria com precisão o valôr do Brazil na sciencia contemporanea. Primeiro do que tudo.

Porque, diga-se, as melhores conferencias aqui a proposito realizadas, tem-nas feito brazileiros e uma d'ellas — a do dr. Eugénio Egas, na Sociedade de Geographia — foi, realmente uma conferencia notavel, como poucas estamos habituados a ouvir n'este paiz de gente parladora e futil.

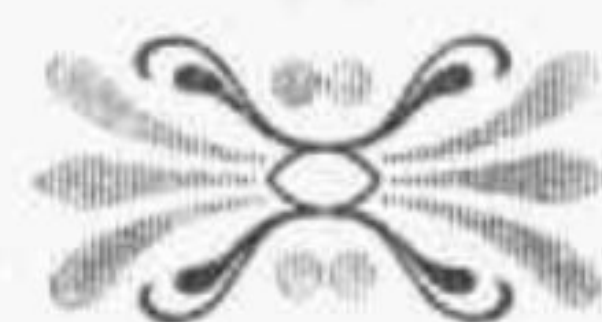
Não se arranjará ahi assim um homem, dois, três, que fizessem cursos sobre o Brazil — ao menos sobre litteratura brazileira? Não seria justo criar, no Curso Superior de Letras, por exemplo, uma cadeira de historia da litteratura brazileira?

E isto não seria mais pratico, para começar, do que enviarmos missões intellectuaes ao Brazil, que lá vão dizer... o que os brazileiros já sabem, porque elles conhecem melhor Portugal do que muitos portuguezes?

Sendo o Brazil o melhor mercado litterario para os portuguezes a missão intellectual não lhes vai dar grandes novidades sobre a nossa litteratura. Portanto, não indo ensinar, o que deve de ir *ver* o Brazil, *estudal-o*, para, depois, o vir divulgar em Portugal, trazendo os ensinamentos praticos que sempre se adquirem na observação conscienciosa e intelligente das grandes nações progressivas.

Lisboa, agosto.

J. Costa de Cábêdo.



O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal

V

Poinsard, sempre magnifico observador, termina o terceiro capitulo do seu livro — *Mœurs Contemporaines* — com apreciações tão exactas como as anteriores.

Ora vejamos:

Pour le moment, la désorganisation des familles ouvrières a déjà des conséquences qui ne sont pas sans gravité. Elles fournissent une main-d'oeuvre assez laborieuse, peu exigeante, remarquablement intelligente en moyenne, mais ignorante, peu progressive, peu développée, et cependant volontiers raisonnable et facilement portée à l'indiscipline. Mieux formée, mieux guidée, elle pourrait être excellente. Cet état général de l'éducation a aussi de graves conséquences intellectuelles et morales. Éloignés de l'esprit de travail et d'entreprise, les Portugais de la classe supérieure ont vu faiblir chez eux le sentiment du pratique et de l'utile. Portés vers les carrières purement intellectuelles, ou même vers la complète oisiveté, ils n'ont guère senti le besoin de l'observation rigoureuse, exacte, patiente et terre à terre. Ils avaient une tendance naturelle et une préférence innée pour les exposés théoriques facilement appris dans les livres, et propres à fournir des sujets de discussion subtile ou de dissertations ingénieuses et éloquentes. Aussi leur régime d'instruction secondaire et supérieure est-il fort en retard, en dépit des efforts tentés récemment pour élever au niveau des résultats obtenus par les méthodes nouvelles. Quant à la moralité, elle semble plutôt en voie de diminuer. Autrefois, l'esprit religieux et l'enseignement moral de l'Église obviaient jusqu'à un certain point à la faiblesse de l'éducation, pour la conservation des mœurs. Mais, depuis longtemps, la croyance s'est réduite de beaucoup chez les familles aisées. La richesse facilement acquise, l'oisiveté, l'esclavage, ont développé chez les hommes une précocité et une légèreté de mœurs qui ont contribué aussi à la désorganisation sociale. Actuellement, ces habitudes corruptrices ne sont plus aussi générales, mais elles agissent encore avec une intensité trop grande. Les femmes sont, du reste, bien supérieures aux hommes à ce point de vue, c'est l'avis unanime de toutes les personnes d'expérience que nous avons consultées. Aussi jouissent-elles d'un respect profond et d'une remarquable considération. Elles ne sont en général — toute règle comporte des exceptions, cela va de soi, — ni des esprits pourvus d'une culture très forte, ni des éducatrices méthodiques et énergiques, mais elles ont des qualités d'intelligence, de coeur et de conduite qui leur donnent beaucoup de charme et de valeur morale. Elles pourront agir puissamment, si elles prennent la peine de s'éclairer, pour le relèvement social de leur nation. Quant aux femmes du peuple, elles sont la plupart du temps ménagères laborieuses et tendres mères, mais fort arriérées; leur moralité moyenne est assez bonne, surtout à la campagne. Ici encore l'étoffe est excellente, il ne s'agit que d'en faire le meilleur usage. Pour cela, le premier résultat à chercher, c'est, nous le répétons, la constitution de cadres sociaux propres à réorganiser peu à peu cette masse flottante et mouvante comme les dunes de son littoral. Comment devrait-on s'y prendre pour le réaliser? C'est ce que nous essaierons de dire en concluant. Pour le moment, nous devons exposer en détail les phénomènes produits par ce régime social dans les diverses manifestations de la vie nationale. Nos premières observations porteront sur l'organisation du travail, et tout d'abord sur sa branche la plus importante en Portugal, la culture.

Em relação ás mulheres, Poinsard não diz inteiramente a verdade. Infelizmente! Ahi foi mal informado.

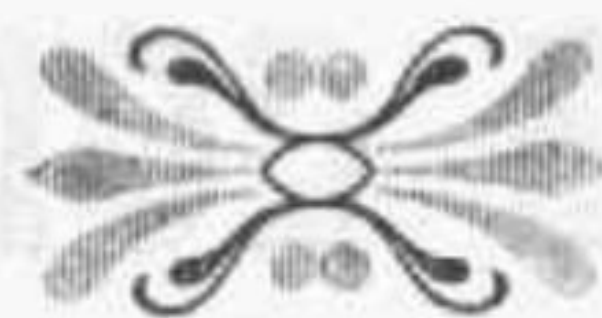
As mulheres portuguezas não são em coisa alguma superiores aos homens, e constituem hoje um dos mais terriveis elementos da nossa dissolução social. Poinsard parece partir do principio das mulheres portuguezas possuirem, ao

menos, as velhas virtudes caseiras. Elle não as acha de *grande cultura*, nem *educadoras methodicas e energicas*. Porque gosam ellas então d'um *profundo respeito* e d'uma *notavel consideração*? Só pela honestidade do sexo? Seria pouco para um culto tamanho. Mas mesmo sob esse ponto de vista ha muito que observar. A corrupção invadiu as cidades. Sabe-o todo o mundo. A ligeireza de costumes é enorme. Perdeu-se mesmo a decencia. Não é a regra geral, deve-se dizer. Sim, ainda não é a regra geral! Comtudo, é uma corrente grande, bastante para se poder affirmar que ha muita immoralidade no *bello sexo* em Portugal.

Se juntarmos a isto o esquecimento do regimen do lar, pois é um facto que mesmo entre grande numero de mulheres *sexualmente honestas* falta o conhecimento dos serviços caseiros, a aptidão e o amor de dona de casa, preferindo a mãe e a esposa a vida das ruas e dos prazeres á vida de familia, sem injustiça e sem exaggero chegaremos á conclusão de que o estado social da mulher não differe do estado social do homem em Portugal.

Infelizmente, repetimos! Não temos prazer, antes temos desgosto em fazer esta afirmação. Mas uma vez que Poincard nos acostumou á regra da verdade nas suas observações sobre a sociedade e a patria portugueza, então siga até ao fim... a verdade.

Homem Christo.



CARTAS DE LONGE

II

Cheguei a Dakar poucas horas depois de acabar a minha ultima carta. Dei-me tarde, fatigado de escrever, e accordei ás primeiras horas da manhã, o *Amazon* já fundeado no porto.

O espectáculo é pouco interessante. Meia duzia de casas pobres dispersas á beira-mar, algumas arvores, e, sahindo d'um pequeno bosque, o palacio do governador, onde se avista, desfraldada ao vento, a bandeira franceza. Dakar é uma cidade da Africa Occidental onde a França tem os seus dominios, e a população é quasi exclusivamente constituída por negros e pela guarnição militar.

Quando saio da minha *cabine* preparando-me para ir a terra deparo com uma duzia de negritos que me offerecem postaes illustrados, pennas d'aves, assobios e varios objectos característicos do paiz, n'uma lingua mais que complexa que de nenhuma forma se distingue pela sonoridade ou pela harmonia.

Metto-me n'uma chalupa a vapor acompanhado do capitão Magalhães Costa que vem de comprar em Paris um aeroplano Blériot para fazer experiencias de aviação no Brazil, e dentro em poucos minutos me encontro sob um sol abraçador, em face da estação telegraphica, onde devo sellar as minhas cartas e expedir alguns telegrammas. Os empregados são brancos, mas os clientes quasi todos negros, de forma que se respira, n'aquella terrível salla, um odor muito desagradavel—a preto.

Corro as ruas principaes da cidade, vejo o Palacio do Governador, os cafés, e acabo por ir almoçar ao Hotel de l'Europe depois de comprar um fato de linho branco e um esplendido capacete colonial. Vem-se assentar á minha meza um companheiro de viagem muito falador e turbulento que me inspira alguma desconfiança e me dá a impressão de que é um famoso salteador. Não me deixa pagar e apressa-se a trocar uma nota de 50:000 francos que me palpitou, não sei bem porquê,—ser falsa.

O sol queima. O aspecto miseravel da cidade e dos seus habitantes inspira-me um horror imenso e sinto admiração pelo espirito de sacrificio d'estes commerciantes e officiaes francezes, que aqui vivem resignados, longe de todos os encantos da vida e aqui morrem sem jámais terem experimentado grandes sensações, n'uma monotonia eterna, n'um estagnamento lastimavel. Seja isso superioridade ou represente da minha parte uma fraqueza, o certo é que eu sinto bem que eu morreria aqui de tedio, sendo-me impossivel uma aclimação a esta vida despida de todo o ideal, de toda a belleza, de tudo o que constitue o estímulo do homem que tem aspirações e necessidades requintadas.

Entfim: aproxima-se a hora da partida e, transpirando por todos os poros, alagado em suor, secca a garganta pelo ar impregnado de carvão que se respira no convez, reentro no *Amazon*, amaldiçoando o clima africano e quasi maldizendo a hora em que me resolvi a deixar por alguns mezes a Europa, esses paizes encantados, de sonho e phantasia, de trabalho inspirado, de sensações intensas, regiões adoraveis cujas qualidades só reconhecemos quando as comparamos a tudo o mais que existe pelo mundo.

Fazemo-nos ao largo. A atmospheria ameaça tempestade que não tarda a estalar, formidavel, cahindo sobre nós as chuvas torrencias do Equador que alagam o convez, rebentam os toldos e nos obrigam a refugiar no salão enquanto as senhoras se recolhem apavoradas nos seus *beliches*, com os intestinos em revolta e o estomago gritando improperios. Logo que a chuva abranda salto para o convez novamente, com dois ou tres collossos germanicos que nada perturba, para assistir a um espectáculo, para mim até então desconhecido, que é uma tempestade no alto mar.

Como disse na minha primeira carta, eu não gosto do mar senão visto da terra. D'outra forma é monotono, muito igual, e eu detesto tudo aquillo que não tiver modulações, cores diversas, accidentes, imperfeições, tudo aquillo que me não ferir pela belleza, pela bondade ou pelos movimentos oppostos. Mas nunca tinha disfrutado este panorama magnifico do mar infinito possuido de infinita colera, luctando contra si proprio n'uma furia suicida, as vagas trepando pelo costado do navio e tombando em seguida n'uma ruina estrondosa, enquanto, ao longe, se agitam as cabelleiras desgrenhadas das sereias e o trovão ribomba, ameaçador e implacavel, gritando ao homem a sua inferioridade e a sua fraqueza ante o Universo infinito. E' um espectáculo sublime, grandioso, e eu cada vez mais amo o mar que me faz esquecer as misérias da terra e me dá toda a gama da expressão, da força, da magestade e da impo-nencia. O mar é um triumphador, é um forte que não conhece obstaculos nem hesita ante difficuldades de nenhuma ordem. Animado de uma força occulta, de uma audacia e de um arrojo sem limites, elle passa com a mesma indifferença sobre o cadaver minuscuro d'uma bateira afundada e sobre os restos grandiosos de um immenso transatlantico. Não conhece hierarchias nem respeita potentados. E' a força em toda a sua pujança, dominando tudo, tudo arrazando em impetos irresistiveis, implacavel, mas justa.

Durante sete dias eu assisti de braços cruzados a esta immensa lucta, em pé, no convez do *Amazon* e senti-me grande sempre que uma vaga nos innundava, partindo-se contra as paredes do *fumoir*, ou nos elevava a uma altura enorme, para depois nos arrastar n'uma descida rapida a profundezas desconhecidas.

Passado Pernambuco, onde não fundeámos, as aguas acalmaram-se, desapareceram as nuvens e o barco deslisou, sereno, sobre o oceano inalteravel, até se descobrir no horizonte longinquo o clarão magestoso da cidade do Rio de Janeiro que a limpidez do ar reflete nos ceus. Aproximamo-nos, agora, rapidamente, cruzando varias embarcações de marcha diminuta. Deixamos para traz o pharol e o posto semaphorico do Cabo Frio, a quatro horas de viagem da capital federal.

A bordo vae grande reboliço. Preparam-se as malas, a marinhagem tira as bagagens do porão e o grupo brasileiro então, em côro, ao passo que se distin-

guem as primeiras luzes da cidade, o hymno nacional. Estoiram as garrafas de *champagne* com que se festeja a chegada e cabe-me a vez de brindar ao Brazil, o que faço com entusiasmo, porque tenho verdadeira sympathia por este paiz novo e vigoroso, aberto a todos os grandes empreendimentos, com o desejo sincero de acompanhar integralmente o progresso das idéas e a marcha incessante da civilização.

Já passámos o pharol da Ilha Rasa e vamos entrando a barra. A' esquerda fica-nos o Pão de Assucar,—pittresco penedo de 300 metros de altura que se ergue imponente das aguas—Leme, Copacabana, Ipanema, Gavea, Tijuca, Corcovado, Botafogo e uma serie de pequenos morros cujos nomes ainda desconheço. A' direita a illuminação esplendida da cidade de Nictheroy e ao fundo o Rio de Janeiro, fóco intenso de luz, com a sua longa avenida á beira mar, os seus castellos, as suas pequenas ilhas emergindo graciosamente das aguas como artisticos bijous de madreperola.

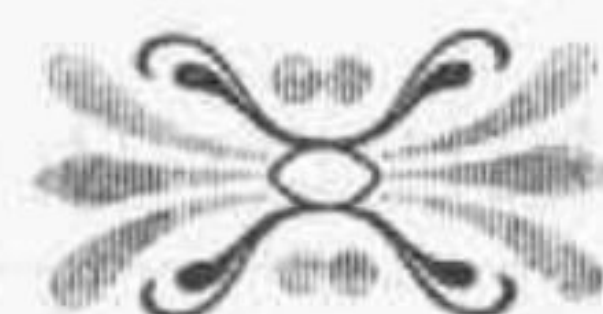
A bahia, com algumas leguas de extensão que lhe permitem poder abrigar todas as esquadras do mundo, rodeada de morros altissimos e cobertos de vegetação exuberante, é verdadeiramente grandiosa. Dá-me uma impressão agradabilissima a cidade estendendo-se ao longe e reproduzindo na atmospheria purissima o clarão das suas luzes... Mas são onze horas da noite e acabamos de fundear. A bordo os brasileiros continuam festejando alegremente a chegada enquanto eu, pleno de deliciosas sensações, recolho ao meu camarote para fazer os meus ultimos preparativos de desembarque e repousar algumas horas.

E a 1 de agosto, ás 8 horas da manhã, abandonei o *Amazon* para travar relações com a grande cidade americana, onde me encontro. Estas linhas são escriptas á pressa, sobre o joelho. Na proxima carta direi aos leitores do *Povo de Aveiro*, em breves traços, o que é o Rio de Janeiro, e quão sympathicos são os seus habitantes. Por hoje limitar-me-hei a garantir-lhes que raras vezes me tenho deixado impressionar tão fortemente e que vim encontrar aqui uma deliciosa amiga e uma deliciosa artista, a grande actriz Marthe Regnier que na segunda feira embarca para Buenos Ayres, o que me enche de saudades.

Até breve.

Rio de Janeiro, 9-8-1910

Homem Christo, Filho.



ALCOOLISMO

V

Em Italia, onde ha muito vinho, que é a bebida que domina—54 milhões de hectolitros em 1908—fez-se um inquerito muito interessante sobre a causa dos crimes commettidos. E chegou-se a estas conclusões:

Em Turim *quasi todos* os crimes de resistencia á policia e d'ultra-ge aos poderes publicos foram commettidos sob a influencia do alcool. Em Novara, de 100 delictos, 80 foram praticados em estado de embriaguez.

Em Milão, tres quartas partes dos crimes contra as pessoas foram devidos a creaturas alcoolizadas.

Em Como, mais de metade dos attentados individuaes foram inspirados pela embriaguez.

Em Bergamo, avalia-se em 60 % o numero de crimes commettidos pelos alcoolicos.

Em Brescia, foi o alcool a causa primeira e immediata de quasi todos os attentados individuaes, ultrajes e resistencia á policia.

Em Veneza, em Treviso, em Belluno, o inquerito deu as mesmas conclusões approximadas. E bem assim em Ferrara, em toda a Romagna, em toda a Toscania e em Roma.

Na Campania, nota-se, sobretudo em Benevento, que a maior parte dos delictos são praticados durante a tarde dos domingos e dias santificados, isto é, sob a influencia do vinho.

Na Calabria, com o augmento do consumo das bebidas alcoolicas coincidiu o augmento do crime. Em Messina, o crime diminuiu com a emigração e com a emigração diminuiu o consumo do vinho.

Para o grupo das ilhas sicilianas de Lipari são desterrados os reincidentes e incorrigiveis. Esses homens bebem muito. Commettem crimes repetidos.

O que succede na Italia succede, naturalmente, em todo o mundo. Sobre Portugal não temos dados estatisticos aqui á mão. Nem os ha, julgamos nós. Inqueritos, então, nem falar n'elles. Mas a experiencia suppre, até certo ponto, a falta de estatisticas e de inqueritos. Todos nós sabemos—são factos de todos os dias—que é sob a influencia do vinho que se commette o maior numero de crimes.

Sobre a loucura, a estatistica italiana não é menos decisiva.

A psychose alcoolica cresce n'uma progressão horivel. Assim em Milão, tomando por base o numero dos loucos entrados nos hospitaes, sobe de 4,11 por % em 1879 a 12,90 % em 1890. E de 1890 a 1905 o salto é muito maior ainda: de 12,90 % vae a 25,85 %. Em Brescia a mesma progressão: 15,7 em 1898 e 27,6 em 1908.

Este augmento do crimes e da loucura, porque tambem o crime tem augmentado espantosamente, coincide sempre com o augmento do vinho. Em 1899 a producção vinicola da Italia foi de 29 milhões de hectolitros. Em 1906, de 44 milhões. Em 1907, de 53.900.000. E em 1908, de 52 milhões.

Milão e Brescia, como fica visto, são as terras que fornecem maior numero de individuos atacados pela loucura do alcoolismo. Pois são, tambem, as cidades italianas onde se bebe mais. Assim, sendo, em media, de 112 litros o consumo de vinho de pasto do cidadão italiano, o milanez com mais de 9 annos d'edade tem um consumo medio de 251 litros. Mais do dobro!

Brescia bebe mais ainda. Diz o secretario da Federação anti-alcoolica italiana, o sr. Schiavi, n'um artigo em francez que temos á vista: *Brescia est la ville qui détient le record pour l'abus des boissons, en Italie*. Pois Brescia é a cidade que fornece maior contingente á loucura. Já vimos que 27,6, por cento, de 1904 a 1908. Mas no fim de 1908 a percentagem foi mais longe. Chegou a 37,1!

En 1908, le nombre des fous alcooliques a atteint la proportion de 37,1 % des internés—par suite, sans doute, de l'excessive quantité et du bon marché du vin produit l'année précédente. Le directeur de l'hospice remarque que les psychoses ne provenaient pas de l'abus de vins

frelatés ou de boissons distillées, mais de l'usage excessif de bons vins dont ses malades avaient absorbés jusqu'à huit litres par jour.

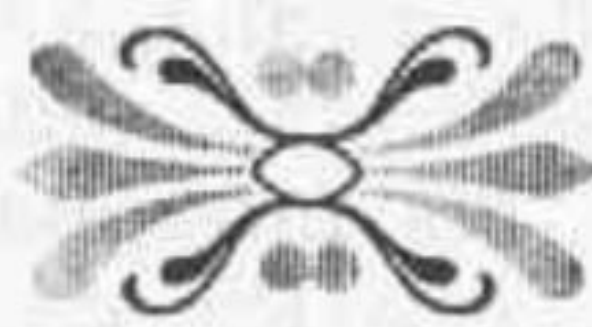
O que responde eloquentemente, tudo isto, aos que pretendem que não faz mal... *beber vinho!*

Isto quanto aos adultos. A influencia do alcool sobre as creanças da mesma forma é terrível. Assim, dos 4:000 alumnos que frequentam as escolas da mesma cidade de Brescia, 11,50 % *nunca bebem vinho*; 37,92 % bebem vinho algumas vezes; e 50,53 % bebem vinho todos os dias. Ora os abstinentes dão uma percentagem de 23,85 maus alumnos, de 33,49 alumnos mediocres e de 42,66 bons alumnos. Os que bebem vinho *algumas vezes*, uma percentagem de 27,25 — 41,86 — 30,59. E os que bebem vinho todos os dias, 30,36 — 39,75 e 29,89.

Outra estatística ainda interessante, a das segundas feiras. Os operarios na Italia fazem como os operarios portugueses: parte d'elles ficam á segunda feira a cortar a bebedeira. Pois o dia de mais accidentes na Italia é, precisamente, a segunda feira.

Mas fiquemos hoje por aqui. O assumpto é vasto. Não falta que dizer.

Homem Christo.



VÁRIA



O futuro do theatro ao ar livre

Foi em 1888 que os francezes iniciaram o theatro ao ar livre nas antigas ruínas romanas de Orange. N'esse anno alli representou o grande actor Mounet Sully, *Edipe-roi*.

O successo foi enorme. E desde então varias tentativas se teem feito, no genero, em Béziers Arles, Nîmes, Caumont, etc. A innovação rapidamente, como se vê, se alastrou. Uma grande difficuldade, ou, para melhor dizer, varias difficuldades teem atacado uma iniciativa, aliás, digna de interesse.

Grandes despesas nas representações, o estar-se sujeito ao vento e á chuva, o vento prejudicando, quantas vezes, passagens importantes por collocar os artistas em posições ridiculas, a chuva, incomodando e prejudicando publico e actores. Como se não fossem já sufficientes estes dois inoportunos contratemplos, ha ainda a juntar o silvo estridente das locomotivas, as businas dos automoveis, o signal de alarme dos tramways, o som impertinente de prevenção das bicyclettes, etc.

Comtudo, e apesar das varias contrariedades expostas, o theatro ao ar livre será ainda por largo tempo um costume francez, e é bem possivel que se estenda a outros povos.



O suicidio na gente nova

Em França o numero de suicidas, entre estudantes e propriamente creanças, é espantoso.

Edmond Ponsaye organisou uma estatística interessante sobre esta momentosa questão, e diz:

«Em França, em 1841, davam-se 128 suicidios, dos 16 aos 20 annos. Em 1895, o numero passou a 474. Em 1898, houve 42 suicidas de 15 annos, 20 de 14 annos, 3 de 13 annos, 7 de 12 annos, 2 de 11 annos e 1 de 8 annos.

Em 1893, uma creança de 6 annos matou-se, voluntariamente.

No Lyceu de Leão, um estudante lançou-se no Rheno, e ainda outro em Toulon se matou, ambos por medo de não sahirem bachareis. Uma creança de 13 annos enforcou-se n'uma arvore.

E' desolador um tal desapego á vida nas edades puramente juvenis.



Na America. A hygiene pelo ar

As numerosas experiencias feitas pelo dr. Evans no jardim zoologico de Chicago foram concludentes na necessidade de espalhar a grande propaganda do ar.

O augmento progressivo da tuberculose, diz o sabio Evans, é devido á falta de ar nas habitações.

Diz mais o celebrado medico que todos os animaes podem adaptar-se a qualquer clima diverso d'aquelle onde nasceram, desde que tenham sufficiente quantidade de ar.

Partindo d'este principio installou animaes de paizes quentes, vivendo em salas aquecidas e bem fechadas, mas que no entanto succumbiam, em pleno ar.

Os animaes vivem muito bem e a mortalidade não se compara de forma alguma com o systema antes empregado.

Fica assim avisado muito portuguez que, possuindo um clima admiravel, vive e dorme, em casa, sempre de janella fechada.



A peregrinação universitaria da China

Um dos phenomenos modernos mais dignos de attenção sobre a evolução dos povos, na nossa epocha, é a peregrinação dos estudantes chinezes ás universidades estrangeiras.

Ainda nos ultimos tempos a China sempre se tinha opposto, formalmente, a reformas no seu systema de ensino e na vida nacional.

Este povo, essencialmente conservador, oppoz-se sempre a introduzir quaesquer melhoramentos nos seus costumes, sobretudo se a ingerencia dimanasse de povos do Occidente.

A China, excessivamente orgulhosa da sua respeitavel idade, julgava-se superior a qualquer outro povo.

Foi o Japão que a fez reflectir. Compreendeu que as relações internacionaes são hoje, mais do que nunca, necessarias a todos os paizes, d'ahi os seus estadistas, bem como os sabios, secundarem a esplendida reviravolta do Japão.

Iniciou-se o movimento chinês ha bons trinta annos. Mas então os estudantes foram chamados por governos reaccionarios.

Entre os peregrinos, que é bem o termo, encontrava-se um homem de extraordinario talento, Tang-shao-yi, que fez os seus estudos n'uma escola superior de Massachusetts e que foi, successivamente, encarregado de missões diplomaticas importantes na India.

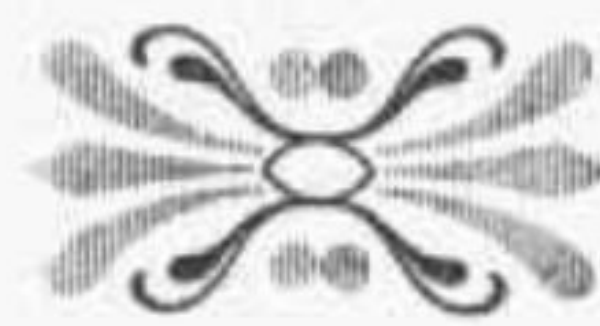
Depois apparece o maior jurisconsulto da China moderna Woo-Tong-Fang, que, por duas vezes, foi ministro da China nos Estados-Unidos.

A influencia d'estes homens, formados em universidades estrangeiras, é enorme.

São elles os incitadores de todo o liberalismo e progresso social, de todas as reformas que se executam, os organisadores de caminhos de ferro, etc.

As mulheres formam legião nas idéas novas. Em Cantão e Shanghai mantem cinco jornaes quotidianos, exclusivamente redigidos por mulheres.

Por esta forma se está constituindo a nova China que, não duvidamos nada, é possivel que passe, em curto periodo, muito além de Portugal.



Os castigos corporaes

Temos dicto muita vez que a morte do paiz está, sobretudo, no espantoso espirito de relaxamento, d'indisciplina, d'anarchia em que cahiu tudo em Portugal. Nós não temos ordem, não temos disciplina individual nem social, não temos respeito do regulamento e da lei, não temos repressão, não temos nada. Nós somos um povo de pietistas e, juntamente, um povo de selvagens. A par das mais espantosas impunidades, as mais dissolventes, as mais iniquas, de que nos dão exemplo a toda a hora os tribunaes, commettem-se, nos mesmos tribunaes, as mais terriveis repressões. De qualquer forma, a mais estupenda iniquidade.

Gritamos contra a policia se ella usa de meios repressivos para conter terriveis desordeiros, a ultima escoria do crime, e consideramos benemeritos da patria os medicos que ainda usam tormentos contra os loucos nos hospitales.

E' essa falta de noção das proporções e da realidade, essa inconsciencia, essa falta de senso commum e como que de senso moral, que nos caracteriza como um povo inferior.

O que se diria em Portugal se se pedisse chicote para esse bando de grilhetas que arrastam uma vida ociosa e criminosa, vivendo, nos bairros immundos de Lisboa, á custa das mulheres?

Sabe-se que em Lisboa, no Porto, e em outras cidades do paiz, pullula uma turbamulta de criminosos vivendo «vida regalada». Não só vivem «regaladamente impunes», não só encontram apoio no povo, na imprensa, em todas as camadas sociaes, nos proprios tribunaes, contra a policia, se esta tenta reprimi-los, como ascendem á cathedra de cidadãos, chegando a ser membros de clubs republicanos, jornalistas e inclusivamente deputados!

O que se diria em Portugal, de novo perguntamos, se se reclamasse chicote para esses cidadãos? Era certo que sahiria á frente de quem tal reclamasse, em nome das sagradas garantias, o sr. Alpoim, o Affonso Costa, o Alexandre Braga, o Carlos Trilho, o França Borges, o Petiz das Gravatas e o Pechuga. E seria fulminado como «jasuita», como «clerical», como «agente das congregações» o homem publico que tivesse tal audacia. Até Miguel Bombarda, que submete ás maiores torturas os loucos em Rilhafolles, viria pedir forca para o... «reaccionario».

Pois é o que, invocando o exemplo da Inglaterra, na França se está reclamando.

Não sei se os leitores sabem — sabe-lo-hão alguns mas não o sabem todos — que na Inglaterra, na livre e progressiva Inglaterra, no paiz, por excellencia, das garantias individuaes, se applica dentro das prisões, a certos criminosos, o chicote. E é natural que a maior parte dos leitores do «Povo de Aveiro» ignorem ainda que a França, a França republicana, e pela bocca dos mais auctorizados republicanos, está reclamando a pratica do systema inglez.

E' o «Temps», um dos maiores e mais auctorizados jornaes francezes, que está á frente d'essa campanha. E julgam que os adversarios do processo veem á estacada com insultos ou com palavras irritadas? Não. Aqui temos nós, por exemplo, o humanitario e tão conhecido doutor Toulouse que discute scientíficamente e muito a sério esse caso.

O restabelecimento da pena corporal é defendido, sobretudo, como arma de repressão contra os «apaches» O dr. Maxwell, medico, ao mesmo tempo magistrado de Sena, e outros, dizem:

«A pena deve ser proporcional á mentalidade do delinquente e ao fim efficaç que se pretende. Ora a prisão é, sem duvida, temida pelo burguez, porque o fere na sua reputação, na consideração da sua classe, no seu valor profissional, e nos seus interesses monetarios, privado, momentaneamente, de administrar os seus bens ou de dirigir os seus negocios. Mas para o delinquente de habito, todos os castigos do codigo, cada vez mais reduzidos e adoçados, são insufficientes, pois teem um valor nullo d'intimidação.

Os delinquentes profissionaes constituem uma sociedade opposta á sociedade regular. Para elles, estar preso por um crime é tão pouco infamante como para um jornalista ou um publicista por um delicto d'opinião. Mas elles teem, tambem, o seu ponto de honra; elles se vangloriam, por exemplo, de ser corajosos nas suas luctas e de não supportar insultos physicos. Ora chibata-los na frente dos guardas seria doloroso para o seu amor-proprio um pouco animal.»

O dr. Toulouse contesta, apoiando-se no principio de que a vida physica deve ser subordinada á vida moral e de que, portanto, a coerção deve ser moral. Mas começa o seu artigo dizendo:

«Examinons ce que le système vaut, afin de ne l'admettre ou de ne le repousser que pour des motifs placés en dehors du sentiment.» E adeante, defendendo a doçura do castigo, escreve: «J'entends bien qu'il faut justifier ce progrès et prouver qu'il est réellement un progrès et non un humanitarisme irrationnel.» Concluindo pela affirmação de que o «peor», na pena corporal, «c'est le mauvais exemple pour la masse des gens qui maitrisent avec quelque peine leurs instincts physiques.»

Chamo a attenção dos leitores para estas considerações e com o dr. Toulouse tambem digo: «E' preciso justificar o progresso e provar que elle é realmente um progresso e não um humanitarismo insensato.»

E sobre esse principio eu pergunto: E' uma obra de progresso, toda essa obra que, n'um povo mergulhado na mais profunda ignorancia, desorganizado, inconsciente, barbaro, se está fazendo em Portugal em nome da «democracia e liberdade», ou é uma obra de perigoso retrocesso?

E' uma obra de moralidade ou da mais tremenda dissolução?

E' um humanitarismo verdadeiro, ou um humanitarismo falso?

Eu respondo mais uma vez, apoiado no meu criterio, na minha observação e na sciencia, sem ser, comtudo, desde já o declaro, partidario dos castigos corporaes, eu respondo:

Tudo isso que se está fazendo ahi é uma obra de retrocesso, d'anniquilamento, da mais pavorosa dissolução moral.

Homem Christo.